

## TROPICALIDADE E GEOGRAFIA FÍSICA

SUZANNE DAVEAU<sup>1</sup>

Jean Demangeot, um dos fiéis colaboradores desta revista, publicou nela quatro artigos importantes. Em 1968 tratou da influência das diversas modalidades da geodinâmica sobre a morfogénese, numa luminosa e equilibrada síntese, muito oportuna na altura em que a noção de “neotectónica” começava a substituir a da “economia da tectónica” nos paradigmas geralmente aceites pela interpretação geomorfológica. Em 1973 apresentou, no número 16 da *Finisterra* dedicado a Emmanuel de Martonne, uma serra tropical, os Nilghiri, situada na Índia do Sul, a leste de Calicut, que associa as paisagens contrastadas da vertente oeste tropical húmida, da vertente interior seca e dos planaltos frescos de altitude. Em 1993, a propósito do chamado *Global Change*, esse possível aquecimento do clima terrestre resultante da desflorestação e emissão de gases industriais, apresentou umas reflexões críticas baseadas nos factos realmente estabelecidos. A sua conclusão era a de que estes continuavam insuficientes para se poder determinar as causas do leve aquecimento verificado. Em 1997, deu à nossa revista um artigo de síntese sobre a biodiversidade tropical, primeira apresentação condensada dum dos capítulos do livro objecto da presente recensão.

Em 1965 Jean Demangeot tinha publicado uma tese de Geomorfologia sobre os Abruzos adriáticos, “magnífico livro”, “cheio de sugestões metodológicas” e dedicado a uma região cujas “formas de relevo têm o cunho de extraordinária juventude”, segundo a notícia entusiasta que A. de Brum Ferreira lhe dedicou no número 3 da *Finisterra* (1967). Mas o essencial das suas publicações posteriores aparece como o prolongamento do ensino que dispensou a gerações de estudantes. Além dos discípulos directos, conseguiu assim atingir e marcar um público muito vasto, que ultrapassa largamente os meios propriamente geográficos. Ainda que principalmente centrado na Geografia física entendida de modo lato, o ensino de Demangeot corresponde a uma visão unitária da Geografia, infelizmente muitas vezes perdida de vista nos anos recentes. Seja testemunho disto o excelente e denso manual sobre *Le Continent Brésilien* (1972), modelo de Geografia regional, que continua sendo hoje a melhor apresentação de conjunto deste enorme país.

Lembra-se ainda a conhecida apresentação dos *Milieux ‘Naturels’ du Globe*, manual que atingiu a 7.<sup>a</sup> edição em 1998. Ele constitui a mais segura ferramenta para

---

<sup>1</sup> Investigadora do Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa (Endereço do CEG no início do volume). E-mail: s.daveau@mail.telepac.pt

que não se perca a tomada em consideração da importância, complexidade e fragilidade do ambiente natural, por todos os que pretendem “intervir” nele, para o bem da humanidade ou em interesse próprio – pelos geógrafos, técnicos, administradores ou políticos –, numa altura em que a maior parte dos especialistas de Geografia física, embebidos em discussões de pormenores especializados, pareciam ter perdido qualquer capacidade de comunicação, até com os seus confrades ditos “humanos”.

O livro *Tropicalité. Géographie physique intertropicale*, Paris, Armand Colin, 1999, 340 p., constitui uma soma das observações e reflexões acumuladas ao longo de toda uma vida de observações, viagens e ensino. Concebido como um manual universitário, de séria divulgação, traz uma informação abundante e pormenorizada, mas, felizmente, bem organizada e apresentada com a clareza entusiasta e aliciante, que é a característica deste grande pedagogo. Ele maneja de modo complementar e com a mesma facilidade a descrição textual, a condensação das ideias e dos factos em quadros ou figuras sintéticas e a ilustração com excelentes fotografias. Dedicou o livro ao seu mestre Emmanuel de Martonne, *découvreur de la tropicalité* e com dupla razão, porque também lhe herdou o excelente modo de exposição que, partindo dos dados concretos expressos numa paisagem, leva à formulação de regras ou leis gerais de interpretação. Provavelmente, nem todos os especialistas das regiões intertropicais estarão de acordo com todas as observações e interpretações do autor. Mas, mesmo para aqueles, o livro será um guia muito útil e estimulante no emaranhado da actual produção científica sobre os Trópicos.

O livro organiza-se à volta de uma ideia central: “as grandes plataformas brasileiras, africanas e australianas, que representam quase um terço dos continentes, estão emersas há pelo menos 80 milhões de anos, sob um clima quase sempre quente e húmido”. Daí a constituição de solos de alteração muito profundos e a enorme proliferação de espécies vegetais e animais, perfeitamente adaptadas ao ambiente e integradas em sistemas muito complexos. Contudo estes sistemas não apenas incorporam toda a acção humana, mas ainda são hoje, quase em toda parte, gravemente ameaçados por ela.

O plano é simples. A primeira parte do livro apresenta, em 6 capítulos, a especificidade dos climas tropicais e as suas consequências directas (Mecanismos climáticos, Tipologia dos climas tropicais, Hidrologia tropical, Marca dos paleoclimas, Riqueza do mundo vivo). Os 4 capítulos seguintes são dedicados aos grandes tipos de ambientes continentais (Ambientes florestais, Estepes e savanas, Montanhas tropicais, Ambientes aquáticos, lagos e rios), o capítulo 11 trata das Ilhas e litorais, o último dos Riscos naturais.

A preocupação em tornar a exposição inteligível para todos, leva várias vezes o autor a fornecer brevemente, em introdução, as noções básicas indispensáveis de Geografia geral, o que torna localmente o ritmo do texto um pouco pesado. Mas, logo de seguida, voltam a apresentação viva e a clara esquematização gráfica de magníficas paisagens ou de complexos mecanismos, despertando logo o interesse dos leitores, qualquer que seja a profundidade dos seus conhecimentos anteriores.

É também evidente que a tese central do autor, da importância fundamental da enorme persistência temporal das condições climáticas que associam o calor e a humi-

dade na definição dos ambientes intertropicais, se aplica fundamentalmente às grandes plataformas continentais estáveis e muito menos às formas de origem recente da paisagem – montanhas, rios e litorais. No entanto, estes ambientes dinâmicos contam-se entre os mais originais e diversificados dos Trópicos, e também entre os mais ocupados e transformados pela acção humana. Com efeito, a sua juventude não os impede de estar mergulhados no elemento fundamental da *tropicalidade*, ou seja o clima.

Acabar este rico e denso manual, bem provido em instrumentos de trabalho (bibliografia seleccionada, índices vários), com um capítulo sobre os “riscos naturais” pode aparecer como uma pura concessão à moda actual, tão ambígua, pela qual os especialistas de Geografia física descobriram recentemente um meio para voltar a ligar o seu labor às preocupações das sociedades humanas e respectivos governos, e para participar assim na distribuição algo caótica dos subsídios destinados à investigação. A inserção do Homem nos ambientes ditos naturais está longe de levantar apenas problemas de “riscos”. Muito mais gerais são os problemas de adaptação ou desadaptação, que o autor não se coíbe, aliás, de evocar ao longo dos diversos capítulos. Mas os geógrafos continuam a ter medo de usar palavras que podem sugerir qualquer “crença determinista”, esta heresia tão formalmente rechaçada pelo conformismo científico actual.